Correspondência cuneiforme e as diferentes dimensões do documento na análise histórica e seus usos para fins didáticos[1][2]

Anita Fattori[3]

Carlos Gonçalves[4]

Introdução

[75] Este capítulo tem por objetivo apresentar uma análise de documento como uma contribuição para o ensino de história do Antigo Oriente Próximo. Através dessa análise, esperamos exemplificar como uma situação concreta descrita por um documento antigo permite estimular a reflexão histórica. Especificamente, trabalharemos com uma carta de caráter administrativo, datando do século XVIII AEC[5] e proveniente de um sítio arqueológico que se localiza nos arredores da cidade atual de Bagdá, o sítio de Tell Harmal. A análise dessa carta nos levará, então, a questões sobre circulação de bens, cultura oral, poder e justiça, bem como organização social.

[76] As considerações apresentadas neste texto são resultantes das experiências profissionais da autora e do autor, particularmente o ensino de história para o ensino fundamental e médio [AF] e o ensino do cuneiforme e do acadiano no contexto de pesquisa sobre a Mesopotâmia [CG]. Nossa expectativa é a de que este texto possa se adicionar e dialogar com as experiências de seus leitores enquanto docentes e estudantes interessados na Mesopotâmia em particular e no Antigo Oriente Próximo em geral.

O capítulo está estruturado da seguinte maneira. A Seção 2 apresenta rapidamente o quadro cronológico e geográfico da Mesopotâmia e alguns apontamentos sobre o percurso

---

[1] Uma primeira versão deste capítulo foi publicada no livro *Antigas Leitura: Ensino de História*. E deve ser citado como: FATTORI, A. GONCALVES, C. H. B. Correspondência cuneiforme e as diferentes dimensões do documento na análise histórica e seus usos para fins didáticos. In: SOUZA NETO, J. M. G. (Org.); MOERBECK, Guilherme (Org.); BIRRO, R. M. (Org.). (Org.). *Antigas leituras: ensino de História.* 1ed.Recife: Edupe, 2020, p. 75-92.
A presente versão conta com pequenas modificações no texto e alteração das imagens.

[2] O capítulo é fruto da pesquisa de mestrado da autora com apoio financeiro FAPESP (processo número 2016/07059-9) e da residência do autor no Instituto de Estudos Avançados de Paris (2016-2107), com o apoio financeiro do Estado Francês administrado pela Agence Nationale de la Recherche, programa "Investissements d'avenir", (ANR-11-LABX-0027-01 Labex RFIEA+).

[3]Doutoranda em História Social em cotutela entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Paris 1-Sorbonne. Bolsista FAPESP, número do processo 2019/12945. Membro do Laboratório do Antigo Oriente Próximo da USP (LAOP-USP).

[4] Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Coordenador do Laboratório do Antigo Oriente Próximo da USP (LAOP-USP).

[5] Para as datas da história antiga, as abreviações AEC e EC indicam, respectivamente, "Antes da Era Comum" e "Era Comum". Para publicações e a história recente da pesquisa, utilizaremos somente o século ou o ano.

do campo da assiriologia. Em seguida, na Seção 3, tratamos sucintamente do ensino e da pesquisa sobre a Mesopotâmia no Brasil. As seções seguintes trazem o conteúdo principal de nossa exposição. Na Seção 4, abordamos algumas questões ligadas ao legado textual da Mesopotâmia; na Seção 5, analisamos a carta escolhida; a Seção 6 contém nossas sugestões de comentários e análise que a carta apresentada permite explorar.

A Mesopotâmia e o Antigo Oriente Próximo

O estudo do Antigo Oriente Próximo chama frequentemente a atenção pela amplitude cronológica de mais de três mil anos de história com documentação escrita e pela grande extensão geográfica, compreendendo como que a junção dos continentes africano, asiático e europeu. A Mesopotâmia, que corresponde geograficamente aos territórios dos atuais Iraque e Síria, é um dos componentes do chamado Antigo Oriente Próximo. Apesar de o termo ser passível de crítica, principalmente por um certo cunho eurocêntrico que lhe é atribuído, "Antigo Oriente Próximo" continua sendo largamente empregado pelos especialistas da área. As definições sobre os limites geográficos dessa área também são objetos de debate. Nós optamos por tomar Antigo Oriente Próximo como compreendendo, além da Mesopotâmia, o Levante (correspondendo hoje a Israel, Jordânia, Líbano e aos territórios palestinos), a Anatólia (correspondendo hoje à Turquia), o antigo Egito e o **[77]** Elam (correspondendo a parte do atual Iran).[6] Documentação importante para estudar a história da Mesopotâmia foi produzida em todo o Antigo Oriente Próximo. O Mapa 1, no final desta seção, traz as fronteiras nacionais atuais e as cidades antigas citadas neste texto.

Quando falamos em Mesopotâmia, estamos nos referindo não só a uma área geográfica, mas também a um conjunto de fenômenos caracterizados por uma certa coerência de tradições culturais e políticas, envolvendo a forma de escrita (o cuneiforme), sua mídia (a argila, para os tabletes, mas também outros materiais), as línguas (sobretudo, o sumério e o acadiano), certas instituições (com destaque para o templo e o palácio), uma certa estabilidade no panteão e uma auto-referência a todo esse conjunto na própria documentação ali produzida.

Há várias abordagens possíveis para se lidar com a questão da cronologia dessa região: as culturas materiais, as tecnologias de uso de metais, a história política e urbana, bem como a história das línguas e do sistema de escrita. No que concerne à escrita, os

[6] SASSON, J.,1995; SNELL, D. C., 2014.

documentos que sobreviveram até o presente cobrem desde cerca de 3200 AEC até o primeiro século EC, o que motiva a literatura especializada a tratar dos seguintes momentos e períodos:[7]

- 3500 AEC a 3000 AEC – culminação do processo de formação das primeiras cidades, com destaque para Uruk, que pode ter tido de 20000 a 50000 habitantes.[8] É desse período que provêm os mais antigos documentos cuneiformes atestados, escritos em sumério.

- 2900 AEC a 2350 AEC - Período Pré-Dinástico, chamado na antiga literatura assiriológica Pré-Sargônico. Formação das cidades-estados sumérias, com destaque para Ebla.

- por volta de 2600 AEC - primeiros traços do uso de um novo idioma em documentos escritos, o acadiano, sugerindo assim a chegada de novas populações na região.

[78] - 2350 AEC a 2193 AEC - Período Sargônico ou do Império de Acade, que compreende os três séculos do domínio do império fundado por Sargão I, rei que unificou pela primeira vez falantes de sumério e acadiano.

- 2112 AEC a 2004 AEC - Período da Terceira Dinastia de Ur, ou de Ur III, em que se destaca a formação de cidades-estados e o renascimento da cultura suméria.

- 1970 AEC a 1700 AEC - Período Paleoassírio, contendo um momento de intensa atividade dos comerciantes assírios na Capadócia.

- 1900 AEC a 1600 AEC - Comumente chamado Período Paleobabilônico, compreendendo um período de disputa entre as cidades de Isin e Larsa, seguido da supremacia militar da Babilônia sobre grande parte da Mesopotâmia. Tal supremacia foi sobretudo o resultado da atuação militar de Hamurabi, o nome mais conhecido da chamada Primeira Dinastia da Babilônia.

- 1595 AEC a 1158 AEC - Período Cassita, caracterizado pelo controle Cassita sobre a Babilônia e pela continuidade do Império Assírio.

---

[7]Esse breve quadro cronológico foi baseado nas considerações de CHARPIN, D., 1995; GEORGE, A., 2007; LION, B. e MICHEL, C., 2011; LIVERANI, M., 2005; VAN DE MIEROOP, M., 2007; e no site da *Cuneiform Digital Library Initiative* (CDLI):
http://cdli.ox.ac.uk/wiki/doku.php?id=adopted_periodisation_in_cdli.
Como as datas exatas para o estabelecimento de uma cronologia da Mesopotâmia são ainda objeto de um polêmico debate na área, é usual em contexto didático aproximá-las para a década ou o século mais próximo.

[8] WOODS, C., 2010.

- 1158 AEC a 912 AEC - Momento de fragmentação política e chegada dos Povos do Mar e dos Arameus. É o fim da dinastia Cassita.

- 911 AEC a 612 AEC - Período Neoassírio. A Mesopotâmia é reconquistada pela rápida expansão dos assírios. Apesar do momento de crise entre 823 AEC e 745 AEC, o Império se reorganiza em 744 AEC e domina grande parte do território da Mesopotâmia até 612 AEC.

- 612 AEC a 539 AEC - Período Neobabilônico. Em 612 AEC Nínive, capital do Império Assírio, é tomada pelos babilônios e medas. Nesse momento há a conquista dos reis caldeus da Babilônia de grande parte do domínio assírio.

- 539 AEC a 331 AEC - Período Persa na Mesopotâmia. Em 539 AEC a Babilônia é capturada por Ciro II, permanecendo sob o domínio do Império Aquemênida até a chegada de Alexandre, o Grande, em 331 AEC.

- 306 AEC a 126 AEC - Período Selêucida, assim chamado a partir de Seleuco, um dos generais de Alexandre que disputaram seus domínios após sua morte.

- 126 AEC a I AEC - Período Parta.

Neste capítulo, vamos nos concentrar em um documento que data do período paleobabilônico, que é um dos períodos mais amplamente documentados da história da mesopotâmia em termos de diversidade de gêneros textuais.[9] É nesse período também que o acadiano se desdobra em dois principais dialetos, o paleobabilônico no sul e o paleoassírio no norte. Em particular, o dialeto paleobabilônico costuma ser a porta de entrada para quem quer estudar o acadiano, devido à sua gramática notavelmente uniforme, a ponto de ter sido considerado pelo resto da história da Mesopotâmia como uma espécie de língua clássica.[10]

[79] A assiriologia é a disciplina que estuda as línguas, a história e a arqueologia da Mesopotâmia. O nome vem de seu primeiro objeto de estudo, os assírios e a Assíria, mas inclui naturalmente demais povos e formações culturais e políticas, como os sumérios, os acadianos, os amoritas e, na medida em que intervêm na história da região, os elamitas, os hititas, os cassitas, os hurritas, entre outros.

A escrita cuneiforme e as principais línguas que a empregaram (o sumério e o acadiano) foram esquecidas por mais de um milênio e meio. Gradualmente ao longo do século XVIII começaram a chegar na Europa cópias de inscrições em cuneiforme, uma das

[9] VAN DE MIEROOP, M., 1999, 12.
[10] HUEHNERGARD, J., 2005, xxvi.

consequência da tradição de antiquário que se estabeleceu nesse período e que teve por escopo as ruínas do Antigo Oriente Próximo. Foi somente no século XIX que esforços sistemáticos foram feitos levando à decifração do sistema de escrita. Ao mesmo tempo em que se compreendeu o funcionamento desse sistema gráfico, percebeu-se que ele registrava sobretudo uma língua da família das línguas semíticas, a saber, o acadiano. Em um passo posterior, **[80]** os estudiosos foram levados à constatação de que havia também uma outra língua registrada em cuneiforme, mais antiga e sem parentesco com nenhuma outra língua conhecida: o sumério. A segunda metade do século XIX viu uma consolidação dos estudos na área, mas o interesse era ainda sobretudo no antiquário e na grande cronologia política. Por fim, na entrada para o século XX, a vocação de antiquário se transformou em vocação filológica e histórica: nesse momento, a assiriologia tornou-se ativamente engajada no entendimento de todos os tipos de textos registrados em cuneiforme: cartas, recibos administrativos, leis, relatórios de julgamentos, textos escolares, bem como os chamados textos de saber, trazendo conteúdo matemático, astronômico, médico e adivinhatório.[11]

A assiriologia é hoje uma área profundamente multidisciplinar, dispõe de uma organização internacional, a Associação Internacional para a Assiriologia, e realiza anualmente um encontro científico, a *Rencontre Assyriologique Internationale*, a "RAI" no jargão da área.[12]

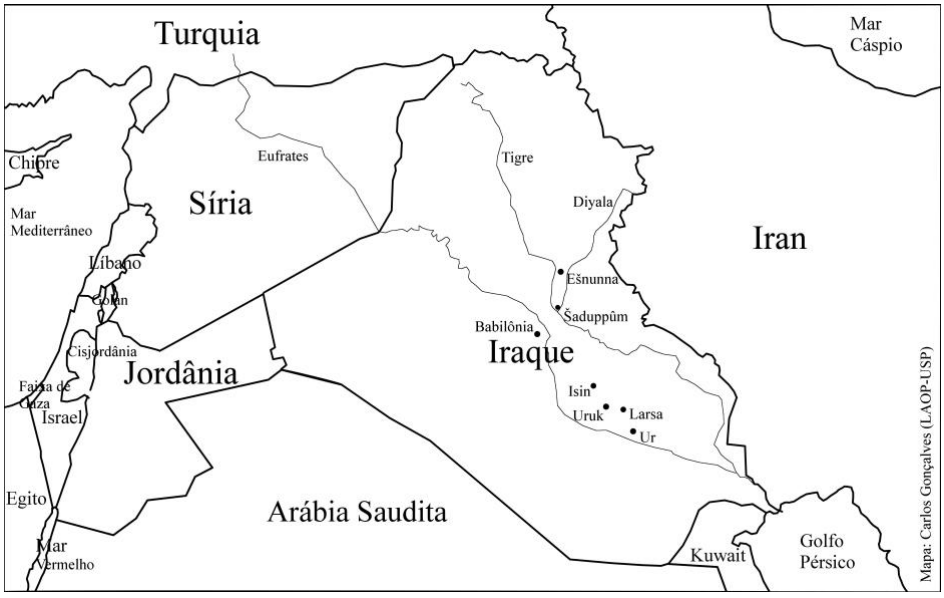


Figura 1. As fronteiras nacionais atuais e as cidades antigas citadas neste texto.

[11] CHARPIN, D., 2015; LION, B. e MICHEL, C., 2011; SNELL, D. C., 2014; http://iaassyriology.org/.
[12] http://iaassyriology.org/what-is-the-iaa-rencontre/

O ensino e a pesquisa sobre a Mesopotâmia no Brasil

Observamos, tanto no contexto acadêmico quanto no contexto do ensino básico, a existência de diversas barreiras para a prática do ensino da história da Mesopotâmia no Brasil. O pouco espaço reservado para a discussão da temática dentro das disciplinas de história antiga, a falta de especialistas na área atuando nas universidades brasileiras e a dificuldade ao acesso às fontes e às produções acadêmicas mais recentes da área são os principais problemas.

No ensino básico, as temáticas relativas à Mesopotâmia são comumente apresentadas aos discentes no sexto ano do ensino fundamental e no primeiro ano do ensino médio. Os principais pontos discutidos em sala de aula sobre a história da Mesopotâmia são a invenção da escrita, o surgimento das práticas agrícolas e a formação dos primeiros estados. **[81]** Mesmo no ambiente universitário, dentro dos cursos de graduação, a disciplina história antiga, com raras exceções, não permite senão uma "apresentação panorâmica do período, seguindo uma cronologia tradicional e a organização dos conteúdos pelas grandes civilizações."[13] Diferentemente do crescimento observado nas pesquisas em antiguidade clássica no Brasil, a assiriologia ainda não mostra um quadro volumoso de atividades.[14]

O legado textual da Mesopotâmia

Ao se falar do legado textual da Mesopotâmia, é necessário também abordar a questão da invenção da escrita cuneiforme e os problemas de pesquisa ligados aos esforços da área para entender esse fenômeno. Se, por um lado, é aceito entre os especialistas que a escrita cuneiforme foi inventada em algum momento da segunda metade do quarto milênio na cidade de Uruk, por outro lado, nem a data exata nem as razões precisas constituem um consenso. Além de tudo, trata-se mesmo de uma invenção, ou o aparecimento da escrita foi antes o resultado de um desenvolvimento gradual?

A data normalmente apresentada (tanto para a invenção como para a primeira atestação) é a de 3200 AEC, mas há dissensões, como por exemplo, a posição de J.-J. Glassner, que, em seu clássico *Escrever na Suméria*[15], advoga a data de 3400 AEC. A falta de consenso provém de duas dimensões fundamentais da pesquisa: a dificuldade, talvez mesmo a impossibilidade, de associar os documentos tidos como os mais antigos

[13] FAVERSANI, F., 2001.
[14] SANTOS, D. V. C., 2014.
[15] GLASSNER, J.-J., 2000.

encontrados no sítio de Uruk com suas camadas estratigráficas; e a imprecisão de certas datações feitas a partir do radiocarbono.[16] De todo modo, é em algum momento do fim do quarto milênio AEC ou ao longo da sua segunda metade que a escrita cuneiforme se estabelece.

[82] Devido à abundância de documentos cuneiformes encontrados, os assiriólogos viram a necessidade de organizar o corpus documental em categorias e subcategorias que compartilham da mesma estrutura textual.

De acordo com a *Cuneiform Digital Library Initiative* (CDLI)[17], a tipologia dos documentos cuneiformes é um dispositivo hermenêutico e organizacional dividido em quatro categorias principais e cada uma delas com diversas subcategorias, a saber:

- Textos Práticos, subdivididos em cartas, textos legais, etiquetas, recibos, contas, listas e inventários, memorandos e avisos privados, plantas e desenhos, selos e suas legendas.

- Textos Oficiais e de Exibição, subdivididos em inscrições reais, coleções de leis, anais, autobiografias, textos votivos, crônicas e tratados.

- Textos Eruditos, subdivididos em textos léxicos e listas de palavras, textos matemáticos, médicos e astronômicos, textos rituais e litúrgicos, textos de adivinhação, receitas e instruções, comentários e catálogos eruditos.

- Textos Literários, subdivididos em composições narrativas e mitológicas, composições de fundo histórico, poesia de elogio real, cartas eruditas e cartas-oração, literatura de sabedoria (incluindo provérbios e literatura popular).

Apresentação de uma carta

Trazemos nessa seção o texto de uma carta escrita em língua acadiana, mais precisamente no dialeto paleobabilônico, sobre suporte de argila: o que chamamos "tablete cuneiforme". Mais especificamente, essa carta foi exumada do sítio arqueológico de Tell Harmal, correspondendo a uma antiga cidade de nome *Šaduppûm*. Os trabalhos de escavação foram executados pelo Diretório Iraquiano de Antiguidades na década de 1940 e o tablete em questão ingressou na coleção do Museu Nacional do Iraque com o número de

[16] WOODS, C., 2010.
[17] http://cdli.ox.ac.uk/wiki/doku.php?id=text_typologies.

registro **[83]** IM 51105. Juntamente com outras 49 cartas, foi inicialmente publicado por Albrecht Götze na revista iraquiana *Sumer*.[18]

Em termos cronológicos, a carta foi produzida durante o período paleobabilônico, mais especificamente em um momento em que *Šaduppûm* foi parte do Reino de *Ešnunna* e, ainda mais precisamente, nos anos do reinado de *Ibal-piel II* (1779-1765 AEC), último rei antes do desmantelamento e domínio de *Ešnunna* por *Hamurabi* da Babilônia.[19]

Em termos geográficos, Tell Harmal está localizado na periferia de Bagdá, capital do Iraque, e é um dentre as dezenas de sítios arqueológicos encontrados no vale do rio Diyala e que trouxeram à luz milhares de tabletes cuneiformes. A cidade de *Ešnunna* e o rio Diyala podem ser vistos no Mapa 1.

Como todo documento, quanto mais a tradução aproxima-se do original, maior a chance de tornar-se ininteligível. Então, para que a documentação possa ser acessada por todos os públicos, iniciamos nossa análise a partir de uma tradução livre:

Tradução Livre:[20]

"Para *Nanna-mansum* dize, assim *Nabi-ilīšu* fala para você: os bois de *Badīdum* desapareceram e nas mãos de *Dukubum* e *Šar-Adad*, o mercador, os bois foram recuperados. Então *Dukubum* e *Šar-Adad* falaram: 'Os bois foram vendidos para nós por *Warad-Sîn*, filho de *Ša-ilum*, e *Luštamar*, filho de *Sîn*-x, que moram na cidade de *Šaduppûm'*. Quando ouvir o meu tablete, mande *Warad-Sîn* e *Luštamar* aqui, para que eles possam responder o processo ao seu oponente em corte, *Badīdum*. Faça com que eles sejam enviados, ou a justiça do rei chegará até você."

Fazendo um contraponto à tradução livre e com o intuito de exemplificar uma parte do trabalho da pesquisa em assiriologia, apresentamos abaixo a tradução literal do documento com base no desenho do tablete de argila e na sua transliteração (Quadro 1). **[84]**

[18] GÖTZE, A., 1958.
[19] GÖTZE, A., 1958; VAN DE MIEROOP, 2007.
[20] Todas as traduções de textos cuneiformes são nossas.

	obv.	*a-na* ^{d}ŠEŠ.KI-*ma-an-sum*
		qi$_2$-bi$_2$-ma
		um-ma na-bi-i$_3$-li$_2$-šu-<ma>
		GUD.HI.A *ša ba-di-du-um*
	(5)	*ḫa-al-qu$_2$-ma*
		i-na qa-ti du-ku-bu-um
		u$_3$ šar-^{d}IŠKUR DAM.GAR$_3$
		iṣ-ba-tu-šu-nu-<ti>-ma um-ma šu-nu-ma
	b.i.	*na-di-na-nu-um*
	(10)	*ša i-di-nu-na-a-ši*
	rev.	*i-ba-aš-šu-u$_2$*
		^{I}IR$_3$.^{d}EN.ZU DUMU *ša-i-lum*
		u$_3$ lu-uš-ta-mar [DUMU] ^{d}30-x
		ša i-di-nu-na-a-ši
	(15)	*i-na ša-du-up-pe$_2$*
		wa-aš-bu ṭup-pi$_2$ an-ni-a-am
		i-na še$_{20}$-me-e-em
		^{I}IR$_3$.^{d}EN.ZU *u$_3$ lu-uš-ta-mar*
		ṭu$_2$-ur-da-am-ma
	(20)	*be-el a-wa-ti-šu-nu*
	b.s.	*li-pu-lu*
		u$_2$-ul tu-ša-ri-šu-nu-ti-ma
	b.d.	GIR$_2$(!).ZABAR LUGAL
		i-la-ka-ak-kum

Quadro 1. Cópia e transliteração do tablete IM 51105[21].

[21] Cópia adaptada de GÖTZE (1958, p.54-55; pl.14; pl.15); a transliteração é nossa. As abreviaturas indicam: obverso (obv.), isto é, a primeira face do tablete; borda inferior (b.i.); reverso (rev.), isto é, a segunda face; borda superior (b.s.); borda direita (b.d.). Tabletes cuneiformes são objetos tridimensionais, sendo possível escrever nas suas bordas.

Tradução Literal:

"[1]Para *Nanna-mansum* [2]dize, [3]assim *Nabi-ilīšu*: [4]os bois de *Badīdum* [5]desapareceram e [6]nas mãos de *Dukubum* [7]e *Šar-Adad*, o mercador, [8]eles os recuperaram. Assim eles: [9]'Um vendedor [10]que deu para nós [11]existe. [12]*Warad-Sîn*, filho de *Ša-ilum*, [13]e *Luštamar*, filho de *Sîn*-x, [14]que nos venderam [15]em *Šaduppûm* [16]habitam'. Este meu tablete [17]quando ouvir, [18]*Warad-Sîn* e *Luštamar* [19]os envie aqui, e [20]ao seu oponente em corte [21]possam eles responder o processo. [22]Tu não causaste que eles fossem enviados, e [23]o punhal de bronze do rei [24]chegará até ti".

[85] Como já comentado, os objetos oriundos das escavações oficiais do sítio arqueológico de Tell Harmal foram salvaguardados pelo Museu Nacional do Iraque, em Bagdá. Em decorrência dos conflitos militares no território iraquiano nos últimos quase trinta anos – a Guerra do Golfo de 1990 e 1991, bem como a Guerra do Iraque de 2003 a 2011 –, as atividades de escavação e conservação foram fortemente prejudicadas. Como se sabe, sítios arqueológicos e museus foram saqueados. Em decorrência, os museus suspenderam suas atividades públicas e fizeram esforços intensos de proteção de suas coleções. Apesar de o Museu Nacional do Iraque ter reaberto suas portas em 2015, tudo encontra-se ainda em fase de reorganização, de forma que, no momento da escrita deste texto, não temos acesso a informações precisas sobre o estado de seu acervo.[22]

Comentário e Análise

Nesta seção, trazemos alguns comentários e análises relativos à carta apresentada na Seção 5.

Antes de tudo, é conveniente retomar seu conteúdo. As linhas de 1 a 3 apresentam os nomes do remetente e do destinatário: trata-se, portanto, de uma carta enviada por *Nabi-ilīšu* para *Nanna-mansum*. As linhas de 4 a 16 apresentam o assunto: *Nabi-ilīšu*, o remetente, escreve para informar que os bois de um terceiro, *Badīdum*, desapareceram. Esses bois foram encontrados nas mão de outras duas pessoas, *Dukubum* e *Šar-Adad*, que afirmam tê-los adquirido legalmente de dois vendedores: *Warad-Sîn* e *Luštamar*. Para bem identificar de quem se trata, o autor da carta especifica que os supostos vendedores são

[22] Sem nenhuma pretensão de sermos exaustivos, sobre a destruição dos sítios arqueológicos e roubo de antiguidades no Iraque e na Síria, ver EMBERLING e HANSON (2008), assim como os sites das associações voltadas para a recuperação de objetos: Association for the Protection of Syrian Archaeology (apsa2011.com/apsanew) e Shirin International (shirin-international.org).

filhos de *Ša-ilum* e *Sîn-x*.[23] A demanda sinalizada nas linhas seguintes, linhas de 16 a 21, é clara: *Nanna-mansum*, o destinatário, deve enviar as duas pessoas que foram acusadas de roubo, *Warad-Sîn* e *Luštamar*, para que respondam em juízo ao **[86]** delito de que são acusadas. A carta se encerra, nas linhas de 22 a 24, com a consequência em caso do descumprimento da demanda: *Nanna-mansum* deve agir para que a justiça relativa a esse delito seja cumprida, sob a ameaça de que, caso ele não a realize, ele mesmo terá problemas com a justiça do rei.

Um dos pontos pertinentes da análise é o aspecto administrativo dessa carta. O conjunto epistolar das cartas de Tell Harmal nos permite afirmar que *Nanna-mansum*, o destinatário, fazia parte da administração local de *Šaduppûm* e estava em contato direto com a administração central do reino, o palácio de *Ešnunna* localizado na cidade de mesmo nome. Ele era responsável pelas reclamações e cobranças dos moradores de *Šaduppûm*, especialmente no que concerne à eficiência do exercício da justiça.

Os administradores de *Šaduppûm* representavam o poder do rei na cidade e possuíam certa autonomia para gerir parte das demandas locais. As cartas, no seu conjunto, permitem-nos compreender melhor essa dinâmica. Elas mostram que o funcionamento do reino dependia não só de grandes instituições como o palácio e o templo, mas também do bom funcionamento de instituições menores, como os escritórios administrativos de *Šaduppûm*, e da ação de personagens locais nos distritos subordinados ao seu poder.

Adicionalmente, o texto dessa carta nos remete a um tema muito frequente na documentação cuneiforme: o controle dos fluxos de pessoas, animais e mercadorias. A carta analisada, em particular, trata de bois que desapareceram em algum lugar e foram então encontrados nas mãos de dois indivíduos, *Dukubum* e *Šar-Adad*, que justificam sua situação afirmando ter adquirido os animais de certos vendedores. Como vemos, o tema motivador dessa carta é uma movimentação imprevista dos tais bois.

Para resolver o problema, outros movimentos são gerados. Primeiramente, envolvendo pessoas: os supostos vendedores, *Warad-Sîn* e *Luštamar*, são chamados a se apresentar, a fim de que participem de um julgamento em que o antigo proprietário dos bois será seu oponente. **[87]** Interessantemente, o segundo movimento é o da justiça: caso esses supostos vendedores não se apresentem, o destinatário da carta, que deduzimos então ser como que responsável por essas pessoas, será alvo da justiça do rei.

[23] O nome *Sîn-x* não é totalmente legível no tablete. A letra "*x*",indica a parte faltante.

O controle dos fluxos é uma constante na documentação cuneiforme e pode ser estudado a partir de vários pontos de vista. É frequente que um administrador escreva para outro a fim de reclamar de uma mercadoria que não chegou ou para solicitar o envio de trabalhadores. Frequentemente, também, são usados recursos bastante expressivos de persuasão, como exemplifica aliás a carta que lemos, em que a justiça do rei poderá ser mobilizada se o destinatário não acatar a solicitação do remetente.[24]

A justiça a ser cumprida é relativa ao roubo de propriedades, nesse caso bois. Os bois de *Badīdum* foram encontrados na posse de duas pessoas que afirmam ter adquirido legalmente a propriedade das mãos de outros dois homens na cidade de *Šaduppûm*. Para provar que os bois foram adquiridos por vias legais e localizar os culpados pelo delito, os acusados de vender e comprar os bois devem enfrentar-se em juízo.

Sabemos que o Código de Hamurabi pertence ao período imediatamente posterior ao da escrita dessa carta. Entretanto, destacamos a similaridade no tratamento do roubo dos bois de *Badīdum* com o item 9 desse conjunto de leis:

"Se um bem de um homem (*awīlum*[25]) desapareceu; se seu bem desaparecido na mão de um outro homem (*awīlum*) é apreendido; se o homem (*awīlum*) em cuja mão o bem desaparecido foi apreendido diz: 'um vendedor me vendeu, na frente de testemunhas eu comprei'; se o dono da propriedade roubada diz: 'eu quero trazer testemunhas que conhecem a minha propriedade roubada'; se o comprador mostrou o **[88]** vendedor que lhe vendeu e as testemunhas na frente das quais ele comprou e o dono do bem desaparecido trouxe as testemunhas que conhecem seu bem desaparecido. Então os juízes examinarão as palavras deles; se as testemunhas na frente das quais o preço foi pago e as testemunhas que conhecem a propriedade roubada atestam o conhecimento delas em frente ao deus, então o vendedor é ladrão; ele será morto; o dono do bem desaparecido pegará seu bem desaparecido. O comprador, na casa do vendedor, pegará a prata que ele pesou."[26]

Esse item do Código de Hamurabi faz parte de um trecho que diz respeito a ofensas sobre propriedade e trata especificamente da problemática do furto. Dessa forma, vistos em conjunto, a carta que estamos analisando e a lei sugerem o forte papel da justiça como reguladora da vida em comunidade.

---

[24] Sobre o problema geral da circulação, ver: CHARPIN, D. e JOANNÈS, F., 1992.
[25] Termo acadiano que se refere a homens em o que parece ser sua condição mais livre. Opõe-se a *muškēnum*, também homem, mas dependente de alguma obrigação, e *wardum*, servo ou escravo. Para uma discussão recente dos problemas historiográficos que esses três status trazem, ver DASSOW, E. VON, 2011.
[26] Tradução nossa a partir do texto acadiano publicado por ROTH, M.,1995, p.82-83.

A carta revela outra característica importante presente nas trocas epistolares: a permanência da tradição oral no intercâmbio de mensagens, durante o segundo milênio AEC. [27] Isso se mostra já no cabeçalho. As cartas do sul da Mesopotâmia no período paleobabilônico empregavam comumente uma fórmula no seu início: “Para (destinatário) dize, assim (remetente):”.[28] Essa sentença, dividida em duas partes, identificava primeiro o destinatário e logo em seguida o remetente. O verbo utilizado para iniciar a comunicação é *qabûm*-dizer no imperativo *qibī*-dize, indicando a leitura das cartas pelos mensageiros aos destinatários. Complementarmente, vemos na carta em questão, na linha 17, o verbo *šemûm*-ouvir, na frase "quando ouvir o meu tablete", indicando assim a escuta por parte dos destinatários.

Por fim, se é verdade que as cartas eram lidas a seus destinatários, podemos nos perguntar também quem as escrevia materialmente, isto é, se eram os próprios remetentes ou se elas eram produzidas por escribas designados especificamente para essa função.[29] Há dois lados da **[89]** questão. O primeiro é que apesar da existência de algumas centenas de sinais cuneiformes, uma pessoa precisava de um repertório específico e de um silabário de cerca de 150 a 200 sinais para escrever o acadiano[30], o que juntamente com outros fatores permite supor que, durante o segundo milênio, a escrita era bastante acessível, podendo o letramento ter existido em diversos níveis de profundidade. [31] Entretanto, o domínio gramatical e semântico que muitas das cartas paleobabilônicas trazem nos faz também supor que elas eram escritas por escribas profissionais, que talvez escutassem de seus senhores as ideias gerais do que deveriam escrever e em seguida transpusessem esse conteúdo para a forma escrita.[32]

Considerações Finais

Neste capítulo, nossa intenção não foi a de esgotar o estudo da história da Mesopotâmia. Esperamos, contudo, que este texto possa contribuir para exemplificar algumas possibilidades de abordagem de um documento histórico pertencente a esse recorte nas diferentes realidades de uma sala de aula.

---

[27] CHARPIN, D., 2008; WHITING JR, R. M. 1987.
[28] Correspondendo ao acadiano: “*a-na* (destinatário) *qi2-bi2-ma, um-ma* (remetente)-*ma*:”
[29] CHARPIN, D., 2008.
[30] LION, B. e MICHEL, C., 2011.
[31] VELDHUIS, N., 2011.
[32] CHARPIN, D., 2008, 163-167.

Nossa expectativa é, antes de tudo, que este texto possa se adicionar à prática docente já existente no momento que o Antigo Oriente Próximo é abordado. Em particular, nossa experiência tem sugerido que o trabalho com textos originais, mesmo que seja em tradução, tem o grande poder de aproximar estudantes a objetos de estudo que se encontram em temporalidades tão distantes.

Referências Bibliográficas

Sites

Association for the Protection of Syrian Archaeology: apsa2011.com/apsanew

Associação Internacional para a Assiriologia: http://iaassyriology.org/

Cuneiform Digital Library Initiative (CDLI): http://cdli.ucla.edu/

Shirin International: shirin-international.org

[90] *Geral*

CHARPIN, Dominique. The History of Ancient Mesopotamia: an overview. In: SASSON, Jack M. (Ed.) **Civilizations of the Ancient Near East**. v.2. New York: Charles Scribner's Sons, 1995. p.807-830.

_____. **Lire et écrire à Babylone**. Presses Universitaires de France: Paris, 2008.

_____. **Comment peut-on être assyriologue?** Leçons Inaugurales du Collège de France. Clamecy: Librairie Arthème Fayard et Collège de France, 2015.

CHARPIN, Dominique; JOANNÈS, Francis (Eds.). **La circulation des biens, des personnes et des idées dans le Proche-Orient ancien.** Actes de la XXXVIIIe Rencontre Assyriologique Internationale (Paris, 8-10 juillet 1991). Paris: Éditions Recherches sur les Civilisations, 1992.

DASSOW, Eva Von. Freedom in Ancient Near Eastern Societies. In: Karen Radner e Eleonor Robson (Eds.). **The Oxford Handbook of Cuneiform Culture**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2011. p. 205-224.

EMBERLING, Geoff; HANSON, Katharyn. **CATASTROPHE! The Looting and Destruction of Iraq's Past**. The Oriental Institute Museum Publications n. 28. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago.

FAVERSANI, Fábio. A História Antiga nos Cursos de Graduação em História no Brasil. **Revista Hélade**. v.2, p. 42-46, 2001.

GEORGE, Andrew. Babylonian and Assyrian: A History of Akkadian. In: Postgate, J. N. (Ed.). **Languages of Iraq, Ancient and Modern**. London: British School of Archaeology in Iraq, 2007, p. 31-71.

GLASSNER, Jean-Jacques. **Écrire à Sumer**. **L'invention du cunéiforme.** Paris: Éditions du Seuil, 2000.

GÖTZE, Albrecht. Fifty Old Babylonian Letters from Harmal. **Sumer**, n. 14, p. 3-79, 1958.

HUEHNERGARD, John. **A Grammar of Akkadian.** Second Edition. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

LION, Brigitte; MICHEL, Cécile. **Escritas Cuneiformes. História, Usos e Deciframentos.** São Paulo: Targumin, 2011.

LIVERANI, Mario. Historical Overview. In: SNELL, Daniel C. (Ed.). **A Companion to the Ancient Near East**. Oxford: Blackwell, 2005. p. 3–19.

ROTH, Martha T. **Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor**. WAW, v.6. Atlanta: Scholars Press, 1995.

SANTOS, Dominique V. C. dos. De tablete para tablete: novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.6, n.12, p.212-241, mai./ago. 2014.

[91] SASSON, Jack M. **Civilizations of the Ancient Near East**. New York: Charles Scribner's Sons, Simon & Schuster e Prentice Hall International, 1995.

SNELL, Daniel C. **Ancient Near East**: **the basics**. Abingdon (Inglaterra), New York: Routledge, 2014.

VAN DE MIEROOP, Marc. **Cuneiform Texts and the Writing of History.** London e New York: Routledge, 1999.

VAN DE MIEROOP, Marc. **A History of the Ancient Near East, ca. 3000-323 B.C**. London: Blackwell, 2007.

VELDHUIS, Niek. Levels of Literacy. In: In: Karen Radner e Eleonor Robson (Eds.). **The Oxford Handbook of Cuneiform Culture**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2011. p. 68-89.

WHITING JR., Robert M. **Old Babylonian Letters from Tell Asmar**. Assyriological Studies, n.22. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1987.

WOODS, Christopher. The Earliest Mesopotamian Writing. In: Woods, C., Geoff Emberling, Emily Teeter (Eds.). **Visible Language. Inventions of Writing in the Ancient Middle East and Beyond.** Oriental Institute Museum Publications 32. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 2010. p. 33-84.